

RESSIGNIFICAÇÃO E SUBVERSÃO NA OBRA “O CULTO DAS BRUXAS NA EUROPA OCIDENTAL” (1921) DE MARGARET MURRAY

Raisa Sagredo

Doutoranda em História Global (UFSC), Bolsista Fapesc,
Membro do Meridianum – UFSC
raisawsagredo@gmail.com

Resumo

Na esteira da crítica decolonial, novas formas de habitar o passado se fazem presentes no fazer historiográfico, assumindo questões de afetividade, memória e gênero. Ao revisitar a obra *O culto das bruxas na Europa Ocidental* publicada em 1921 pela egiptóloga, folclorista e feminista Margaret Murray, tão debatida e criticada pela historiografia (GINZBURG 1989; ROSE 1962), encontram-se, para além de diversos problemas metodológicos, elementos subversivos que muito podem contribuir para (re)pensar questões concernentes à História da bruxaria e às experiências de tempo. Assim, questiona-se: de que forma Murray teria mobilizado o fenômeno da caça às bruxas em sua hipótese? Utilizando como aporte metodológico a Hermenêutica Imaginativa (SCHUBACK, 2000), busca-se compreender a fonte em sua própria cosmovisão, interpretando-a então enquanto uma construção subversiva, dentro do próprio contexto de mobilização feminista de primeira onda no qual Murray estava ativamente inserida. Logo, propõem-se investigar a forma com que Murray se relacionou com esse passado da perseguição às bruxas, percebendo como a folclorista reatualizou e subverteu elementos dessa bruxaria diabólica, ressignificando questões de gênero a partir do presente, na ânsia de subverter sua própria realidade enquanto mulher do início do século XX.

Palavras-chave: Caça às bruxas; Bruxaria; Feminismo; Margaret Murray.

RESSIGNIFICACIÓN Y SUBVERSIÓN EN LA OBRA “EL CULTO DE LA BRUJERÍA EN EUROPA OCCIDENTAL” (1921) DE MARGARET MURRAY

Resumen

Siguiendo la crítica decolonial, nuevas formas de habitar el pasado están presentes en el trabajo historiográfico, abordando cuestiones de afectividad, memoria y género. Al revisar la obra “The Witch-Cult in Western Europe” publicada en 1921 por la egiptóloga, folclorista y feminista Margaret Murray, tan debatida y criticada por la historiografía (GINZBURG 1989; ROSE 1962), encontramos, además de varios problemas metodológicos, elementos subversivos que pueden contribuir en gran medida a repensar cuestiones relativas a la Historia de la brujería y las experiencias del tiempo. Surge entonces la pregunta: ¿cómo habría movilizado Murray el fenómeno de la caza de brujas en su hipótesis? Utilizando la Hermenéutica Imaginativa (SCHUBACK, 2000) como aporte metodológico, buscamos comprender la fuente en su propia cosmovisión, interpretándola como una construcción subversiva, en el contexto de la primera ola de movilización feminista en la que Murray estuvo activamente insertado. Por lo tanto, nos proponemos investigar la manera en que Murray se relacionó con este pasado de persecución de brujas, dando cuenta de cómo la folclorista reactualizó y subvirtió elementos de esta diabólica brujería, dando nuevos significados a las cuestiones de género desde su presente, en el afán de subvertir su propia realidad como mujer a principios del siglo XX.

Palabras clave: Caza de brujas; Brujería; Feminismo; Margaret Murray.

Introdução

Dentro da historiografia acerca da bruxaria, um olhar masculino marcou não somente a escrita dessa história, como também outros olhares de áreas afins, principalmente no que concerne ao fenômeno da perseguição às bruxas. Porém, um marco no sentido de romper com essa “tradição” foi a empreitada feita pela egiptóloga e folclorista Margaret Murray, a primeira feminista a estudar os julgamentos de bruxas (WINICK, 2015, p. 567). Durante décadas, sua obra *The Witch-Cult in Western Europe* (1921) foi tida como academicamente inaceitável e desprovida de quaisquer valores, tendo a autora sofrido inclusive uma crítica *ad hominem* – uma tentativa de refutação de uma proposição a partir de um juízo direto e pessoal ao seu autor para criticar o seu conteúdo –, claramente uma questão de gênero neste caso, como apontado por algumas estudiosas como Mimi Winick (2015) e Diane Purkiss (1996). Como será demonstrado, a perspectiva de Murray e sua hipótese do culto Diânico podem ser revisitados e problematizados de diferentes formas, percebendo questões subversivas e feministas de primeira onda como parte de seu contexto, impregnadas nesse olhar para o passado, que foram fundamentais para que a relação entre bruxas e feministas fosse construída.

A hipótese do culto Diânico de Murray inspirou-se na crença de uma bruxaria enquanto culto organizado de reminiscência pagã, que já havia sido pontuada por alguns intelectuais racionalistas e do Romantismo – como veremos, com diferentes objetivos –. A ideia do culto Diânico de Murray consiste, de forma resumida, na premissa de que as vítimas das perseguições ocorridas no fim do Medievo e na Idade Moderna seriam praticantes de uma religião pré-cristã pagã organizada, que resistira e sobrevivera de forma marginal e clandestina à opressão cristã, ideia nunca comprovada pela historiografia. Em tal hipótese, o Cristianismo teria sido, na Idade Média, o responsável por chamar as práticas de uma antiga religião baseada nos ciclos da natureza, de “bruxaria” e por demonizá-la. Como sintetizado por Janluis Duarte, essa religião:

É tratada como um culto de fertilidade e como a religião primitiva da Grã-Bretanha (e de toda a Europa Ocidental), datando do neolítico. Ela não seria uma religião centrada numa Grande-Mãe, ao contrário do postulado por Frazer, mas sim baseada no culto a um deus de chifres – Dianus – em cuja figura a Igreja teria baseado a imagem do diabo. Este seria representado entre os adeptos por um Rei-Divino, que se sacrificaria periodicamente. Todavia, as sacerdotisas e figuras centrais do culto seriam mulheres – as bruxas. Com a perseguição movida pelo cristianismo o culto teria se tornado secreto, sendo mantido na obscuridade por seus praticantes durante toda a Idade Média, até ser exposto e combatido pela Inquisição durante a epidemia de caça às bruxas, entre os sécs. XV e XVII (2013, p.19).

A partir de um olhar alinhado com a decolonialidade, engajado e preocupado em elaborar novas perguntas para o passado, objetiva-se compreender: de que forma Margaret

Murray mobilizou o fenômeno da caça às bruxas em sua ideia do culto Diânico, e no que consiste essa subversão construída por ela? Nessa construção, percebe-se que o Medievalo e a Modernidade são evocados como temporalidades marcada por uma dualidade: opressão institucional e resistência, legado literário do romantismo de Jules Michelet em *La Sorcière* (1862). Porém, Murray construiu um culto no qual não negou os elementos do universo da caça às bruxas, como o sabá, mas ressignificou tais elementos, preocupando-se em partir de fontes primárias no intuito de ouvir aquelas vozes subalternizadas.

Como aporte metodológico, utiliza-se a Hermenêutica Imaginativa de Márcia Sá Cavalcante Schuback (2000), a qual propõe compreender a fonte em sua própria cosmovisão, aceitando a experiência dos sujeitos enquanto parte indissociável de suas produções. Para isso, não basta situar as fontes históricas e seus autores no tempo e no espaço; faz-se necessário incorporar às análises o “indissociável”: compreender as cosmovisões contidas nas fontes e os sentidos para seus produtores, pois hermenêutica é a arte da compreensão em vários sentidos (SHUBACK, 2000, p. 17-18). Dentro dessa metodologia, rejeitam-se hermenêuticas que concebiam a fonte histórica enquanto fragmentos, sendo necessário compreender uma fonte enquanto fonte viva, dentro de sua própria cosmovisão e de seus conceitos. O interpretar envolve, nessa proposta, experiências subjetivas e concebem o subjetivo e o objetivo como complementares para uma análise mais “compreensiva”. Desta forma, a Hermenêutica Imaginativa permite compreender a cosmovisão de Murray independente da exatidão histórica ou da falta dela em sua abordagem.

No tocante à perspectiva teórica, utiliza-se o aporte da Memória Cultural, desenvolvido por Jan Assmann. Esse tipo de memória funciona como uma instituição, vinculando passado, presente e futuro a partir de experiências coletivas e de heranças simbólicas.

A memória cultural é baseada em pontos fixos no passado. Até mesmo na memória cultural o passado não é preservado como tal, mas está presente em símbolos que são representados em mitos orais ou em escritos [...]. No contexto da memória cultural, a distinção entre mito e história desaparece. Não é o passado como tal, como é investigado e reconstruído por arqueólogos e historiadores, que conta para a memória cultural, mas apenas o passado tal como ele é lembrado [...]. O conhecimento sobre o passado adquire as propriedades e funções da memória somente se ele é relacionado a um conceito de identidade (ASSMANN, 2016, p. 12).

Na fonte *O Culto das bruxas na Europa Ocidental*, através da metodologia da Hermenêutica Imaginativa, a caça às bruxas parece configurar-se como um ponto fixo na memória, em termos de uma Memória Cultural. Como buscaremos demonstrar, ela opera a nível de identidade cultural, nos tempos mítico, histórico e cultural. Logo, interpreta-se a obra enquanto uma construção subversiva, dentro do próprio contexto de mobilização feminista no

qual Murray estava ativamente inserida. Tecendo relações entre o Medievalo, a Modernidade e a bruxaria, Murray vai ressignificando essas temporalidades e esses corpos subalternizados a partir do seu presente, na ânsia de subverter sua própria realidade enquanto mulher do início do século XX, inserida ativamente nas lutas do feminismo chamado de primeira onda na Inglaterra, cujas pautas eram o sufrágio universal e a conquista de direitos sociais e econômicos.

Inicialmente, descreveremos a autora da fonte *The Witch-Cult in Western Europe*, delimitando seu lugar de fala, passando brevemente por seu contexto histórico, demonstrando a circulação e diferentes usos da ideia de bruxaria como um culto de reminiscência pagã antes dela, explicando a hipótese do culto Diânico. Em seguida, nos deteremos no aspecto de ressignificação e subversão elaborados por Murray, que giram em torno tanto da caça às bruxas como do sabá – como eram chamados os supostos encontros noturnos na floresta para adoração da figura do Diabo e profanação de preceitos e símbolos cristãos –. De que forma Murray ressignificou e subverteu os elementos que compõem esse universo? Apesar de toda a crítica documental pertinente e dos abundantes problemas metodológicos encontrados na fonte em questão, Margaret Murray inaugura o que foi chamado por Winick (2015) de *Modern Feminist Witchcraft* (Bruxaria Feminista Moderna). Logo, compreender essa construção e essa subversão multifacetada elaborada pela autora se faz de extrema importância para estudar os desdobramentos e impactos dessa bruxaria na relação subversiva entre bruxas e feministas no campo político e social que chegaram e se expandiram na contemporaneidade.

Murray e a hipótese do Culto Diânico em contexto

A obra *The Witch-Cult in Western Europe* teve papel contraditório em diferentes âmbitos. Segundo Ginzburg (2012, p. 20-21), ela foi capaz de desencorajar as pesquisas na temática da perseguição às bruxas pela via simbólica na historiografia da década de 60; enquanto fora da Academia, a mesma foi doadora do substrato mítico, sagrado e histórico para a religião Wicca (MAGLIOCCO, 2004, p. 44), que tanto influenciou outras tradições neopagãs contemporâneas. Concomitante a esse interesse na esfera religiosa, o tema da bruxaria repercutiu no social. Mesmo que já tivesse sido apropriada como sinônimo de rebeldia “*Micheletiana*” no século XIX, na década de 1960 a revolta na imagem da bruxa se deu pelo viés de gênero, e Margaret Murray pode ser considerada a inauguradora dessa bruxaria de cunho feminista e moderno (WINICK, 2015). Envoltas em muita polêmica no meio acadêmico, a obra foi recebida com muito entusiasmo fora do mesmo, tendo sido reimpressa em 1962 pela *Oxford University Press*, e tal reimpressão fala muito sobre a demanda do tema, se repararmos no ano em que foi reimpressa – contexto contracultural e de efervescência no campo social de diversos

movimentos sociais, como os de cunho feminista chamados de segunda onda, que lutaram pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado (PEDRO, 2005, p. 79).

Em termos didáticos, faz-se importante localizar temporalmente as crenças em torno da caça às bruxas, pois as interpretações variaram ao longo do tempo e podem ser inclusive, como veremos, organizadas em correntes teóricas, o que auxilia a compreender e localizar o trabalho de Murray em seu contexto. Após o gradativo declínio das perseguições na Europa, a corrente do Racionalismo veio a criticar a superstição, colocando a crença na existência das bruxas, bem como sua perseguição, como irracionais. Palavras como alucinação, delírio, fanatismo religiosos e histeria coletiva fizeram parte desse vocabulário racionalista (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 180).

Já no século XIX, com o Romantismo, surgem concomitantemente a essa corrente, os primeiros estudos historiográficos e antropológicos que se debruçaram sobre o fenômeno da bruxaria, com forte interesse no folclore surgido na Alemanha enquanto disciplina, bem como na cultura popular. Podem-se identificar as novidades da urbanização e da industrialização, que impactaram a intelectualidade, fazendo com que a mesma se voltasse para ideias de unidade nacional e de preservação de patrimônio. No início do século XIX e meados do XX, a ideia de que existiria uma religião pagã que havia sobrevivido à Antiguidade e que passara a ser vítima da perseguição às bruxas, desenvolveu-se dentro da intelectualidade alemã, difundindo-se entre franceses e anglófonos, ideia amplamente adotada por acadêmicos de outras áreas e igualmente por não acadêmicos (HUTTON, 2021, p.235-236). No século XIX, Karl Ernest Jarcke (1801-1852), professor prussiano de Direito Criminal e Franz Joseph Mone (1796-1871), arqueólogo e historiador alemão, fervorosos em busca de uma justificação para a Inquisição e para a perseguição, foram os grandes responsáveis pela propagação e pela credibilidade da ideia da bruxaria enquanto uma antiga religião de cunho pagão e subsistente ao Cristianismo – porém, para eles, seria uma religião degenerada em termos morais. De forma criativa e literária, o historiador Jules Michelet (1798-1874) partiu da premissa dos alemães, invertendo a lógica de Jarcke e Mone, ao escrever *La Sorcière* em 1862. Michelet teve como base a realidade da magia feminina, a antiga sociedade das bruxas e principalmente os sabás, utilizados como metáfora para a oposição entre servos e nobres durante a Idade Média, além da mulher como protagonista das forças da natureza. Como explica Camargo, ele: “(...) cria uma protagonista feiticeira que vê no paganismo uma forma de resistência à opressão, tanto do clero como da nobreza, utilizando essa crença como modo de empoderamento em uma sociedade desesperada” onde, prossegue ela, “a feiticeira torna-se heroína” (2017, p. 12).

Já no século XX, há uma diversidade de interpretações e tendências. Nos primeiros anos, até a década de 30, os intelectuais defendiam, de modo geral, a realidade da bruxaria enquanto religião, baseados em antropólogos e estudiosos do século XIX. Nesta tendência enquadra-se Margaret Murray, mesmo que grande parte de seus críticos acabem por olvidar o fato de que ela pertenceu a esta corrente intelectual. Já nas décadas de 1940 e 1950, a Antropologia consolida-se como Ciência, orienta-se para o estudo de povos não europeus e passa, a partir da década de 60 e 80, a revisitar o tema da bruxaria, revendo o tópico da bruxaria como religião – nesse contexto é que a obra de Margaret Murray passa a ser objeto de duras críticas. Recentemente, entre os anos 1990 e 2000, emergem então novas abordagens e interpretações.

Para pensar e localizar autores e suas perspectivas, Laura de Mello e Souza propõe três correntes de análise sobre o fenômeno da bruxaria: a Romântica, a Racionalista e a Antropológica. Tal esquema auxilia a situar os autores, não no intuito de um enquadramento reducionista, mas buscando melhor compreender suas ideias, pois “classificar é perdoável quando o objetivo é didático” (SOUZA, 1987, p. 39). Poderíamos acrescentar que, além de didática, tal classificação se fará estratégica na construção da nossa argumentação, ao analisar *O culto das bruxas na Europa Ocidental* (1921).

A partir desse contexto, aproximamo-nos da autora da obra analisada, Margaret Murray, que apesar das críticas e polêmicas, possui apelo acadêmico e científico – vale lembrar, científico da época em que os estudos de James Frazer eram uma referência e no qual o estudo comparativo fazia parte das metodologias em voga –. Mesmo vindo a exercer uma forte influência no âmbito religioso – como a criação da Wicca por Gerald Gardner na década de 1950, por exemplo –, a autora não se propôs, nesse estudo, a escrever uma obra de cunho religioso.

Margaret Alice Murray nasceu em Calcutá, Índia, em uma família de classe média e de descendência britânica, em 1863 (DROWER, 2004), época em que o império britânico dominava o território indiano com seu colonialismo. Iniciou seus estudos formais já na fase adulta, matriculando-se na Universidade College London, onde começou a estudar Egiptologia com Flinders Petrie, reconhecido egiptólogo. De forma veloz e talentosa, aprendeu egípcio antigo e copta, e em 1899, Murray tornou-se professora de Arqueologia do Reino Unido, tendo sido a primeira mulher a ocupar tal cargo. Murray foi a primeira mulher a desembrulhar uma múmia publicamente na frente do público no *Manchester Museum* em 1908 (SHEPPARD, 2012) e foi membro da *Folklore Society* – instituição filantrópica dedicada aos estudos folclóricos e culturais. No âmbito da Egiptologia, suas produções escritas e trabalhos em

escavações eram muito respeitados; porém, as polêmicas vieram à tona quando a pesquisadora voltou-se para o tema da bruxaria.

Outro ponto imprescindível para analisar a obra de Murray é a sua atuação política e social. Murray foi extremamente ativa no movimento feminista, voluntariou-se em diferentes causas, doou recursos financeiros para a organização de protestos e marchas, além de ter participado também de marchas; porém, ela buscava ocultar socialmente sua militância, receosa de que isso viesse a abalar sua respeitabilidade no meio acadêmico (JANSSEN, 1992). Há registros de sua presença na *Mud March* de 1907 e também na *Women's Coronation Procession* de 1911. Além da militância extraoficial, dentro dos muros da Academia, ela inovou ao treinar mulheres no campo da Arqueologia e lutou dentro da universidade para que houvesse um espaço físico apenas para mulheres (OATS, WOOD, 1998), tendo em vista que muitos dos lugares físicos eram vetados a mulheres. A *Women's Social and Political Union* (WSPU), uma organização militante que lutava pelo sufrágio feminino no Reino Unido entre os anos de 1903 a 1917, imemorável na História, também foi lugar de passagem de Murray.

Na fonte *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, Murray analisa uma extensa documentação referente à perseguição da bruxaria, processos, interrogatórios e legislações. Sua obra é uma tentativa de explicação do culto das bruxas e de sua lógica de funcionamento, sendo o fenômeno da caça às bruxas a base para sustentar a obra, abordando questões de fertilidade e ciclos, claramente inspirada pelos estudos antropológicos de James Frazer em seu icônico *The Golden Bough* (1890). Frazer havia postulado a ideia de que todas as religiões possuíam um fator comum, consistindo em um culto de fertilidade em torno de um rei sagrado adorado e sacrificado de maneira periódica, e este, enquanto representação ou encarnação, teria também a incumbência de realizar um casamento sagrado com uma deusa da terra; cumprindo a lógica mítica de morrer na época das colheitas e de renascer na primavera, garantindo a continuidade da vida.

As principais críticas feitas ao trabalho de Margaret Murray, de modo mais contundente, vieram da História, com Keith Thomas na obra *Religião e o declínio da magia* (1971), e de forma mais sistemática com Elliot Rose, que publicou em 1962 – mesmo ano da reedição de *The Witch-Cult* – a obra *A Razor for a Goat*, inteiramente dedicada a desmentir Murray. As críticas de Elliot Rose vão de observações gerais a específicas, compondo-se de um verdadeiro escrutínio, necessário e de bases sólidas, à *The Witch-Cult*. Além da crítica ao ter utilizado o modelo de Frazer, Murray é acusada de ter percebido o sabá de forma deturpada e interpretado as fontes ou seja, as confissões, de forma acrítica, desprovida da crítica documental apropriada. A obra de Rose possui extrema importância, uma vez que Murray não fez a crítica documental

aos processos de bruxaria aos moldes de um método científico historiográfico. Para nós, apesar de todas as incongruências, simplificações e generalizações empreendidas por Murray, sua obra segue constituindo-se de extrema importância para a compreensão do fenômeno da bruxaria, em função de sua proposta de dar voz aos perseguidos e de seu impacto cultural.

Além de termos inserido Murray em seu próprio contexto de produção, gostaríamos de destacar alguns fatores, identificados por Hutton, que contribuíram para a popularidade da tese de *The Witch-Cult* e que foram discutidas por ele em *The Triumph of the Moon* (1999): o apelo para muitos impulsos emocionais da época, como a noção do campo inglês como um lugar atemporal repleto de segredos antigos; a popularidade literária da divindade Pan – presente em adorações por parte de ocultistas como Crowley, e artistas como William Blake e tantos outros –; a crença generalizada de que a maioria dos britânicos permaneceu pagão por muito tempo após o processo de cristianização; e por último, a ideia de que os costumes populares representariam literalmente sobrevivências pagãs (HUTTON, 2019).

Ressignificação e subversão: uma perspectiva feminista

Como vimos, *The Witch-Cult in Western Europe* foi mais uma das obras de seu contexto a tecer ligações entre a bruxaria e o paganismo através do *approach* da resistência. No entanto, sua experiência enquanto mulher, pesquisadora e feminista de primeira onda, instrumentalizou temporalidades e corpos através de uma profunda subversão, demonstrada a seguir. A resignificação e a subversão elaboradas por Murray podem ser agrupadas, em nossas reflexões, como sendo de uma dupla natureza: de cunho simbólico e de cunho material. A primeira grande resignificação simbólica elaborada pela folclorista deu-se na tentativa de compreender quem seria esse Deus adorado pelas bruxas, personagem principal daquele culto, através da visão das próprias bruxas. Ela explica que, apesar de chamado de Satã, Lúcifer, Belzebu e “Coisa Ruim” pelos juízes cristãos:

Este conceito estava distante da visão das próprias bruxas. Para elas, este que era chamado de Demônio era Deus, manifestado e encarnado; veneravam-no de joelhos, e suas orações eram endereçadas a ele, a quem eram gratas pelos alimentos e pelo suprimento das necessidades da vida (MURRAY, 2003, p.31).

Ou seja, Murray insere a figura masculina condutora dos sabás na mesma ideia devocional do Cristianismo, de uma divindade doadora e mantenedora da vida. Outra subversão simbólica elaborada é a ideia de continuidade do culto Diânico. Citando vários documentos e sintetizando brevemente cada um deles ao longo da obra, Murray buscou bases materiais para defender o aspecto de que a religião antiga nunca teria deixado de existir, mesmo com o

intensivo trabalho de conversão e opressão da Igreja. Para ela “a continuidade da religião antiga é provada pelas referências citadas pelos autores clássicos, pelas leis eclesiásticas e outros registros históricos legais” (MURRAY, 2003, p. 25), ideia que parte da dedução de que se houve uma abundância de registros de proibição, houve por consequência uma abundância de práticas. Porém, ela interpreta essas práticas enquanto sobrevivências de algo maior e organizado, e não enquanto reminiscências, como apontam seus críticos (GINZBURG, 2019; ROSE, 1962). De qualquer forma, simbolicamente, Murray constrói na ideia de sobrevivência na clandestinidade um *ethos* subversivo e de desobediência, que já havia sido colocado de forma revolucionária por Michelet em *La Scorcière* (1862) e por Leland em sua *Aradia* (1899), mas que com Murray ganha outro tom: a questão da ênfase no gênero.

Mesmo o feminino não sendo a figura central condutora das celebrações do sabá descritas por Murray – pois seriam conduzidos por uma figura masculina, disfarçada com elementos de animais ligados à fertilidade –, as mulheres é que aparecem nessa fonte, através da hermenêutica utilizada, como uma espécie de portadoras da manifestação e manutenção dessa bruxaria enquanto culto. Percebe-se então que o elemento feminino possui destaque, agência e livre-arbítrio, pois a participação no culto Diânico era uma escolha e não uma fraqueza, fruto do pecado – como era comumente associado na literatura demonológica –. Como explicado pela folclorista, duas questões eram parte da essência da cerimônia do sabá: “a primeira era que os candidatos deveriam participar de livre e espontânea vontade, sem qualquer compulsão; a segunda, era que eles fossem devotos, de corpo e alma, ao Mestre e seu serviço” (MURRAY, 2003, p. 65). Esse giro, que substitui a ideia de fraqueza moral feminina em participar do sabá, por um livre-arbítrio e agência, constitui-se de mais uma subversão simbólica, que é concomitantemente material.

Vale ressaltar que Murray recebeu influências de teses sobre o matriarcado pré-histórico, que imprimiram sua marca na literatura oitocentista, embasadas a partir de Johann Jakob Bachofen (1815-1887). Inclusive, é interessante perceber que algumas autoras da chamada primeira onda feminista, chegaram a classificar a Idade Média e a caça às bruxas como a “segunda grande queda do matriarcado” – uma derrota na qual a primeira grande queda teria sido a substituição do matriarcado pelo patriarcado na Pré-História, como é possível encontrar nas ideias de Elizabeth C. Stanton (1815-1902) e Matilda J. Gage (1826-1898), intelectuais e militantes feministas de primeira onda escrevendo no século XIX. Assim, identificamos que a ideia de continuidade da opressão feminina na longa duração já estava sendo colocada antes de Murray (SAGREDO, 2023, p. 140-141), e que ela parece ter construído uma alternativa frente a essa nostalgia para com o matriarcado. Como percebido por Winick (2015), ela revestiu as

lutas pela libertação feminina de seu próprio contexto sufragista com o achamento de um suposto culto no passado europeu no qual as mulheres possuiriam participação e seriam imprescindíveis.

Outra inversão empreendida por Murray foi em relação à própria realidade do sabá, inversão pioneira e portadora de muitos desdobramentos em termos de materialidade. Ela interpretou o encontro noturno enquanto fidedigno à realidade, tendo sido apenas mal interpretado pelos homens letrados do passado, utilizando um ponto de vista feminista para ler as fontes dos julgamentos as quais teve acesso, ressignificando os encontros noturnos e tendo-os como reais. Em sua análise, a questão da sexualidade ocupou uma posição importantíssima, mesmo que em outras obras, escritas posteriormente, ela retome o tema com mais profundidade, em *The Witch-Cult* já é possível observar que a autora tece uma aproximação entre o sabá das bruxas e a continuidade de ritos a Baco, por exemplo (MURRAY, 2003, p. 25). Ou seja, Murray inverteu a lógica hegemônica de que o sabá e seus elementos, incluindo o sexo ritual, seriam atribuídos somente à mente dos inquisidores, lógica dominante entre os historiadores alinhados com a vertente racionalista. E inverteu igualmente a lógica, como apresentada por Mone, de que o caráter orgiástico dessa bruxaria seria uma depravação dos mistérios gregos.

Essa relação de sinonímia entre a bruxaria diabólica e a licenciosidade e libertinagem sexual aparece como uma preocupação constante, a ser desconstruída, na obra da folclorista Margaret Murray. Nela, o sexo aparece como tendo relação com antigos cultos era a fertilidade. Em suas palavras:

[...] a maioria das cerimônias tinha o propósito de afirmar a fertilidade. Os rituais sexuais tinham importância preponderante e quase sempre não eram justificados nos julgamentos, pois tornaram-se uma obsessão para juízes cristãos e registradores que buscavam investigar os mínimos detalhes do rito. Embora exemplos posteriores mostrassem que a cerimônia havia possivelmente se degenerado em uma orgia bacanal, existem depoimentos que provam que, como nos outros países, existia uma magia cerimonial para assegurar a fertilidade (MURRAY, 2003, p. 19).

Folclorista frazeriana focada na ideia de fertilidade cíclica, Murray enxergou no sabá das bruxas, mais especificamente no item da cópula com o Diabo, uma questão de rito sexual. A autora colocou o costume de casamentos sagrados como algo comum no passado antigo, uma tentativa de influenciar o curso da natureza pela magia, para influenciar colheitas, rebanhos e mulheres, evitando a esterilidade. Segundo ela, “isso explica muito bem a ocorrência de ‘ritos obsceno’ entre as bruxas, mas falha quando esbarra na questão da frieza do demônio” (2015, p. 154). Ou seja, ela não questionou a veracidade dos relatos de encontros sexuais com o Demônio, mas questionou se, de fato, houve consumação do ato, por conta do membro dessa criatura ser sempre descrito nas fontes como gélido e não gerador de gravidez após esses encontros. Considerando esses detalhes tanto em processos em que não houve registro de tortura, como

nas últimas palavras ditas em meio às chamadas da condenação, essa cópula com o Diabo foi afirmada, e Murray apega-se a ela como um elemento fundamental. Sua teoria é a de que em sociedades antigas ocidentais, o casamento sagrado acontecia uma vez ao ano, porém não seria o único rito sexual das comunidades. Além disso, a participação no suposto rito sexual seria uma demanda das mulheres, algo entendido como um direito delas, trazendo mais uma vez, de forma material e concreta, o protagonismo para o feminino, como explicado por ela:

Naquele momento, as mulheres acreditavam que a relação sexual com os sacerdotes aumentava a fertilidade, quanto mais elas acreditariam na eficácia de uma possível relação sexual com o próprio deus da fertilidade encarnado. **Elas insistiam nisso como sendo seu direito**, e tudo se tomava obrigatório em algumas ocasiões como, por exemplo, nos períodos de criação dos rebanhos ou de plantação e colheita das safras. Ainda assim, conforme a população, por consequência, o número de adoradores em cada uma das “congregações” aumentava, deixando tudo difícil e finalmente impossível **para que um homem cumprisse com as exigências de tantas mulheres**. O problema, então, era que de um lado havia um número de mulheres exigindo [...] e por outro lado, **um homem fisicamente incapaz de atender todas as chamadas que lhe eram feitas**. A solução óbvia para o problema é que a relação sexual entre o chefe e as mulheres fosse realizada por meios artificiais, e a evidência nos julgamentos mostra claramente que esta foi a solução tomada (2015, p. 154-155, grifo nosso).

Murray interpreta a demanda pelo rito sexual e sua ânsia pela fertilidade como uma demanda feminina, e não uma imposição ou exigência masculina. Além desse detalhe do rito sexual como um direito feminino, há o argumento de que após esses encontros, não acontecia a gravidez dessas mulheres, fato que corroboraria para a sua hipótese de um membro artificial utilizado nos ritos das bruxas. Murray defende que “as descrições ocasionais do órgão sexual do demônio mostram sem sombra de dúvida seu caráter artificial”, e retoma registros da Antiguidade para mostrar que “os órgãos sexuais masculinos artificiais são bem conhecidos nos resíduos das antigas civilizações. É através desse rito sexual, realizado segundo ela, muitas vezes com um órgão artificial, que Murray constrói mais uma vez uma agência para o feminino. Há um interessante testemunho de fonte primária trazida por ela, que consiste na fala coletada em torno de Madame Bourignon, onde uma das moças respondeu, acerca dos encontros noturnos: “[...] ‘Não’, ela disse, ‘eu não serei diferente do que sou; eu me sinto satisfeita com minha condição; eu sou sempre acariciada’ “ (MURRAY, p. 159, 2003).

Como é possível perceber no trecho acima, Murray ressignificou o ato sexual da cópula entre o Diabo e suas seguidoras, tão abundante nas descrições dos sabás da literatura demonológica: em termos materiais, seria de fato um rito sexual em favor da fertilidade, advindo de uma longa duração e remontando à Antiguidade; em termos simbólicos, transferiu

o poder de participação, vontade, demanda, direito e satisfação para as mulheres participantes de tal culto.

Considerações finais

O trabalho de ressignificação e subversão empreendido por Margaret Murray mesclou simbolismo e materialidade, no qual identificamos no universo da caça às bruxas – o sabá, o pacto diabólico, as confissões, a perseguição – um episódio central na cosmovisão da fonte, perpassando seus oito capítulos com diferentes ênfases, proporcionada pela hermenêutica utilizada. Para Murray, a perseguição é a prova de que havia repressão e, conseqüentemente, haveria culto, como é intentado demonstrar por ela. Em sua perspectiva, a continuidade da religião antiga, através do culto Diânico, seria provada pelas referências citadas a partir de autores clássicos, pelas leis eclesiásticas e outros registros históricos legais (MURRAY, 2003, p. 25). Entre trevas e resistência, Murray construiu uma ideia de Idade Média, colocando-a como época por excelência da resistência pagã. E assim, como vimos, ideias advindas da tese do matriarcado pré-histórico, de um Medievo e de uma Primeira Modernidade marcadas pela resistência pagã do culto Diânico, entrelaçam-se à temporalidade em que Murray escreveu e suas demandas sociais feministas.

Na historiografia sobre a perseguição às bruxas, um importante marco foi o estudo de Carlo Ginzburg e seu interesse em ouvir o que chamamos hoje de vozes subalternas/subalternizadas, propondo uma perspectiva de História a contrapelo, buscando compreender a perseguição a partir das crenças dos perseguidos, e não dos perseguidores, como era a perspectiva e o interesse até então na área. Porém, como vimos, um esforço pioneiro nesse sentido foi a empreitada de Murray. Nas palavras do próprio Ginzburg: “aquele 'algo de verdadeiro' da Tese de Murray (...) consiste, de forma genérica, na decisão de tomar a sério, contra qualquer redução racionalista, as confissões das bruxas (...)” (2012, p. 21). Isso não significa redimir a figura de Murray de seus problemas teóricos e metodológicos, muito menos a aceitação de sua hipótese do culto Diânico; mas criticar seu trabalho inserido dentro do seu próprio contexto no qual o Romantismo, as teses do matriarcado pré-histórico e as abordagens de cunho folclórico, circularam e influenciaram a autora. Trata-se também de assumir que o tratamento dado a Murray perpassou questões de gênero dentro das Ciências, com a consciência de que o tratamento dado à obra acabou por ofuscar questões ricas e pertinentes nos debates sobre feminino, feminismos e bruxaria.

Longe de buscar um veredicto que almeje fechar a questão dos usos e abusos do passado em relação à interface bruxaria e feminismos, nosso objetivo foi escovar a História a contrapelo,

fazendo emergir novas questões e olhares, destacando as várias camadas de subversão construídas por Margaret Murray. Logo, esse escovar a contrapelo consiste na atitude de revisitar fontes já exploradas, não na espera de que haja algo inédito escrito nelas, e sim na ânsia de construir perguntas e respostas novas, bem como fazer emergir possíveis olhares que acabaram sendo negligenciados ou até mesmo marginalizados. Novos horizontes interpretativos surgem de tal postura, que valoriza a relação dialética entre passado e presente como totalidade, e que vê nessas dinâmicas de memória, como na utilização do aporte da Memória Cultural, diversas potencialidades e possibilidades. Em busca de uma aproximação com a totalidade e compartilhando da percepção benjaminiana de que a História deve redimir o passado, essa memória acerca da perseguição às bruxas parece se fazer redentora, mesmo na ausência de uma continuidade linear histórica entre supostas bruxas no Medievo, Modernidade e Contemporaneidade. Desta forma, a Memória Cultural se oferece como uma ferramenta que auxilia a História a redimir esse passado, articulando então consciência histórica e rememoração, pois “certamente, só a humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza. Isso quer dizer: só a humanidade redimida o seu passado tornou-se citável em cada um dos seus instantes” (BENJAMIN, 1940 *apud* LÖWY, 2005, p. 54). Assim, a libertação para as mulheres é entendida por Winick na medida em que corresponde a anseios das mulheres do contexto de escrita de *The Witch-Cult*. Portanto,

A reflexão de Benjamin suscita a questão de que essa redenção do passado deve ou não estar submetida à nossa racionalidade. Dito em outras palavras: a relação de memória entre a perseguição às bruxas e as mulheres da contemporaneidade, articulada socialmente, religiosamente e politicamente, pode ser um meio de redenção (OATES e WOOD 1998: 22, tradução nossa).¹

Retomando a classificação proposta por Lura de Mello e Souza (1987), Murray, mesmo com o diferencial de ter dialogado com fontes primárias de processos da caça às bruxas, e mesmo tendo o desejo de ouvir as vozes dos acusados e acusadas, não deve ser retirada de seu contexto e da corrente intelectual do Romantismo ao ser criticada. Para além de debates sobre rupturas e continuidades em torno dos cultos pré-cristãos como reminiscências pagãs, a obra de Murray pode ser interpretada enquanto uma estratégia. O que encontramos em *The Witch-Cult in Western Europe*, buscando compreender a obra em termos de memória e subjetividade, é uma ferramenta de luta e resistência, perpassando passado e presente, e projetando-se para o

¹ No original: “Murray probably never imagined that her literal interpretation of witchcraft tradition would provide an authenticating history for modern witchcraft cults whose rituals were modelled on her own descriptions of the ‘Old Religion’ as she fashioned it from assorted fragments of early witch confessions”.

futuro, ressignificações e subversões estas que indiretamente projetavam-se do sagrado ao campo político e social.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Jan. Memória Comunicativa e Memória Cultural. Tradução de Méri Frotscher. **Revista História Oral**, [s. l.], v. 19, n. 1, jan.-jun. de 2016, pp. 115-128. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 10 jan. 2024
- CAMARGO, Pâmela Louise. **Romantismo, Paganismo e Bruxaria: a obra La Sorcière de Jules Michelet como precursora da Wicca, a Bruxaria Moderna**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.
- DROWER, Margaret S. Margaret Alice Murray. In: COHEN, Getzel; JOUKOWSKY, Martha. **Breaking Ground: Pioneering Women Archaeologists**. Ann Arbor: University of Michigan Press. 2004, pp. 109–141.
- DUARTE, Janluis. **Reinventando tradições: representações e identidades da Bruxaria Neopagã no Brasil**. Tese de Doutorado em História. Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília – UNB. 2013.
- FRAZER, James. **O ramo de ouro**. Versão ilustrada. Zahar editores, 1982.
- GINZBURG, Carlo. **História noturna**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- HUTTON, Ronald. **Grimório das Bruxas**. Rio de Janeiro: DarkSide, 2021.
- HUTTON, Ronald. **The Triumph of the Moon: A History of Modern Pagan Witchcraft**. New York: Oxford Press, 1999.
- LELAND, Charles G. **Aradia: o evangelho das bruxas**. São Paulo: Outras Palavras, 2000.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamín: aviso de incêndio. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de História'**. São Paulo, Boitempo, 2005.
- MAGLIOCCO, Sabina. **Witching Culture. Folklore and Neo-Paganism in America**. Philadelphia: PENN, 2004.
- MICHELET, Jules. **La Sorcière**. Paris: Jean de Bonnot, 1987.
- MURRAY, Margaret A. **O culto das bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras, 2003.
- NOBLE, Catherine. From Fact to Fallacy: The Evolution of Margaret Alice Murray's Witch-Cult. **Pomegranate**, 7(1), 5–26, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1558/pome.v7i1.5>.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: **História**, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.
- PURKISS, Diane. **The Witch in History: early modern and twentieth-century representations**. New York: Routledge, 2010.
- SAGREDO, Raisa. A Pré-Modernidade na cosmopercepção da Bruxaria Contemporânea: uma fluidez de temporalidades. In: **MUNDOS POSSÍVEIS**, Florianópolis, 2023. **Anais V Encontro do GT de História Antiga e Medieval Anpuh/SC**. Florianópolis: Anpuh/SC, 2024 (pp. 135-146).
- SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. **Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

- SHEPPARD, Katherine. Between Spectacle and Science: Margaret Murray and the Tombo f the Two Brothers. In: **Science in Context**. Cambridge Univesity Press: 25(4), p. 525-549, 2012.
- SOUZA, Laura de Mello e. A feitiçaria na Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1987.
- TERZETTI FILHO, Celso Luiz. **Um bruxo e seu tempo: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais**. 2012. 179f. Dissertação (Mestrado em ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- WINICK, Mimi (2015). Modernist Feminist Witchcraft: Margaret Murray's Fantastic Scholarship and Sylvia Townsend Warner's Realist Fantasy. *In: Modernism/Modernity*. 22 (3): 565–592.
- WOOD, Juliette. Margaret Murray and the Rise of Wicca. In: **The Pomegranate: A New Journal of Neopagan Thought**. 13 (15): 45–54. 2001.
- WOOD, Juliette; OATES, Caroline. Coven of Scholars: Margaret Murray and Her Working Methods. **First Edition of Folklore Society books: Archive series 1**. Virginia: Folklore Society, 1998.